

342

EDUCAÇÃO E ATIVIDADES NÃO-AGRÍCOLAS NO MEIO RURAL GAÚCHO. *Lucas Oberti Wagner, Claudio Becker, Fernanda San Martins Sanes, Fernanda Novo da Silva, Jonas Wesz, Nádia Velleda Caldas, Flavio Sacco dos Anjos (orient.)* (UFPEL).

Historicamente a educação no meio rural tem sido um tema de grande complexidade, tanto em seu sentido estrito quanto no *lato sensu*. Programas curriculares mal concebidos e material didático em contradição com o universo das pessoas residentes no campo, que insistem numa visão excessivamente urbana da realidade, erguem-se como obstáculos na busca por gerar um ambiente social que estimule as pessoas a permanecer no meio rural. A extensão rural pauta suas ações no marco do chamado “viés urbano”, estabelecendo uma atuação centrada em práticas contraditórias com o saber local e os conhecimentos acumulados pelas famílias rurais. O estudo se insere no contexto de uma pesquisa mais ampla conduzida pela UFPEL e UFRGS/CNPq, no qual foram investigadas 238 unidades familiares de produção, distribuídas em quatro grandes regiões da geografia gaúcha, a qual examinou a agricultura familiar e as dinâmicas territoriais de desenvolvimento. Estudou-se o papel das atividades não-agrícolas na reprodução social das famílias, investigando-se a natureza destas atividades e de como a escolaridade pode ou não ter relação com o seu desempenho. Comprovamos que as pessoas que trabalham exclusivamente na agricultura tendem a um menor nível de escolaridade se comparadas com aquelas que conciliam o exercício de atividades agrícolas e não-agrícolas. Perguntados sobre como deveria ser o ensino ministrado aos seus filhos, 64% responderam que deveria ser uma educação mista e 18,4% uma educação voltada exclusivamente para o trabalho na agricultura. Apenas 7% dos exclusivamente agrícolas e 14,7% dos pluriativos afirmaram sua preferência por um ensino profissionalizante. Estes dados evidenciam ser este um tema fundamental em prol da construção de uma educação compatível com a realidade objetiva do campo.